

[Oh, William!] [Elisabeth Strout]

[Elisabeth Strout] Biografia:



Romancista nascida em 1956 em Portland, nos Estados Unidos da América, é uma das romancistas americanas mais aclamadas da actualidade.

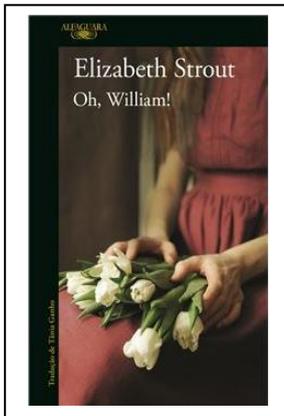
Além do sucesso mundial que obteve com o romance *Olive Kitteridge*, que lhe valeu um prémio Pulitzer, recebeu ainda o Los Angeles Times Art Seidenbaum Award e o Chicago Tribune Heartland Prize pelo seu romance de estreia, *Amy and Isabelle*.

Foi também finalista dos prémios PEN/Faulkner Award, Orange Prize e International Dublin Literary Award, no Reino Unido.

Os seus textos têm sido divulgados em várias publicações periódicas, incluindo a *The New Yorker*.

Na Alfaguara estão publicados *O meu nome é Lucy Barton*, finalista do Booker Prize, *Tudo é possível*, vencedor do Story Prize, e *Olive Kitteridge*, vencedor do Pulitzer Prize e finalista do National Book Critics Award. *Olive Kitteridge* foi adaptado a uma série de televisão vencedora de um Emmy.

Sinopse de [Oh, William!]



No regresso da personagem Lucy Barton — protagonista dos romances *O meu nome é Lucy Barton* e *Tudo é possível* —, encontramos, desta vez, uma mulher madura, que conquistou fama e sucesso enquanto escritora. Um acontecimento inesperado traz de volta à vida de Lucy o seu primeiro marido, William, alguém que foi sempre um mistério para ela. Misteriosa é também a forte ligação que os une ainda. Lucy acaba de ficar viúva, William atravessa uma crise no seu terceiro casamento, enquanto procura descobrir um segredo do passado da mãe. É a Lucy que William pede apoio e companhia. Juntos iniciam um périplo geográfico e emocional que os levará para longe de Nova Iorque. Ao evocar o passado de ambos — os tempos da faculdade, o nascimento das filhas, a dissolução do casamento e as vidas refeitas com novos companheiros —, Strout compõe o retrato de uma convivência de décadas, conturbada e cúmplice. À medida que a narrativa avança, entrevemos as forças silenciosas que mantêm Lucy e William unidos. Percebemos também que, para se habitar em pleno uma nova vida, é preciso sarar feridas e celebrar o que se conquistou.

Oh, William! — saga familiar cujo esqueleto vai sendo desmontado em camadas — assenta num ponto nevrálgico: a voz indómita de Lucy Barton, veículo para uma reflexão profunda e delicada sobre a existência, qualidade presente em todos os livros da magistral Elisabeth Strout. Um romance luminoso sobre o amor, a perda e os segredos de família que regressam sem aviso e nos deixam aturdidos. «A ficção de Elisabeth Strout tem uma qualidade sobrenatural: o modo como alcança águas profundas com o mais simples dos movimentos. Quando chega ao fim, este romance mostra-nos que a origem do amor está mais próxima do reconhecimento do que da compreensão, mesmo que levemos uma vida inteira a perceber a diferença.» *The Guardian*.

Oh William, de Elizabeth Strout: intimidades tácitas

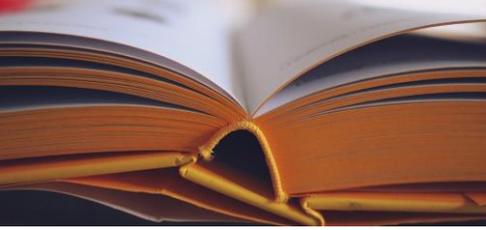
[Sayantan Ghosh](#) 11 De Agosto De 2023 | 17:25



Oh, William! é o terceiro livro da série Lucy Barton de Elizabeth Strout, e como ganhou esse título já é uma pequena história. Quando *My Name Is Lucy Barton*, o primeiro livro de Lucy Barton, estava prestes a ser encenado em Nova York, Strout estava observando a talentosa atriz Laura Linney – que interpretava o papel principal – no seu espaço de ensaio.

Na sua entrevista ao *The Guardian*, Strout revelou como Linney “colocou os óculos no topo da cabeça e começou a murmurar algo sobre o ex-marido de sua personagem – William”. Strout ouviu-a e pronunciou as palavras: “Oh William!” Assim, dando origem a esta pequena joia que acabou sendo selecionada para o Prémio Booker 2022, porque “William merecia uma história própria”.

William, um parasitologista idoso, como já mencionado, é o ex-marido da autora de sucesso Lucy Barton – cujos primeiros anos brutais se passaram em pobreza extrema, como podemos ler nos livros anteriores. Mas este romance mantém-se firme e sozinho, sem fazer o leitor sentir o peso de seus antecessores. Lucy abandonou William quando soube que ele lhe havia sido infiel e, neste romance, encontramos William num estado visivelmente perturbado anos depois, quando



a sua terceira e mais recente esposa também o deixou, enquanto ele se tenta reconectar com Lucy – embora não numa capacidade ou faceta romântica.

Mas, para sua consternação e surpresa, quando William ganha a assinatura de um site de genealogia no seu aniversário, ele descobre que a sua mãe também abandonou uma filha na juventude, antes de se casar com o seu pai. William logo se desmorona, então Lucy se junta a ele numa viagem ao Maine para descobrir mais sobre a meia-irmã de William.

Vamos e voltamos no tempo enquanto Strout examina casamentos, amizades, infidelidades, solidão e luto usando Barton como muleta. A sua prosa é construída a partir de frases e diálogos tão simples, mas delicados, que dói mais profundamente porque já usamos ou ouvimos essas linhas de uma forma ou de outra nas nossas próprias vidas.

Mais ou menos a meio do seu romance, Strout escreve: “Enquanto dirigíamos, de repente tive uma lembrança visceral de como o casamento era horrível para mim naqueles anos com William”. Depois que a terceira esposa de William se muda repentinamente - Lucy o encontra sentado no chão com uma camisa amarrotada e jeans sujos, sem sapatos e sem muitos móveis, e Strout compara a cena com um roubo - as filhas de William e Lucy planeam um jantar juntos em sua casa para tranquilizá-lo.

Quando Lucy entra, ela também o acha com melhor aparência, mas quando ele se baixa para beijar sua bochecha, ele suspira e aperta seu braço. E Lucy entende que naquele exato momento ele só estava fazendo isso pelas meninas.

É um momento de privacidade ao qual voltei depois de ler este romance que ficará comigo mesmo anos depois, porque é isso que *Oh William!* faz – lembra-nos de intimidades tácitas que podem sobreviver entre duas pessoas, mesmo que o seu relacionamento não sobreviva.

Oh, William! pela crítica de Elizabeth Strout – o retorno de Lucy Barton

No terceiro livro da série, o panorama emocional de um longo relacionamento é lindamente observado enquanto Lucy se reconecta com o ex-marido.

[Laura Miller](#) Quarta, 20 de outubro de 2021 The Guardian



A coisa mais improvável sobre Lucy Barton, vista anteriormente nos romances de Elizabeth Strout, [My Name Is Lucy Barton](#) e [Anything Is Possible](#), é o quanto ela ama Nova York, onde mora há décadas. Retornando à cidade de avião em Oh William!, ela olha pela janela e sente “o que quase sempre senti quando voei para Nova York, e foi uma sensação de admiração e gratidão por este lugar enorme e extenso ter tido me acolheu”. No entanto, a série Amgash que Oh William! pertence tem o nome da pequena cidade agrícola de Illinois onde Lucy cresceu em uma “pobreza terrivelmente sombria” com pais severos e às vezes abusivos. É assim que é difícil – impossível, na verdade – livrar-se das raízes. “Nunca compreendi completamente todo o negócio de classe na América”, observa Lucy, um ponto cego que ela partilha com grande parte da nação, embora culpe o facto de vir “do fundo da questão, e quando isso acontece, nunca sai realmente”. você”. A maioria das pessoas pensa em Nova York como um lugar desafiador para se viver, mas no que diz respeito à gentil e facilmente assustada Lucy, a Big Apple não tem nada a ver com Amgash.

Quando o livro é lançado, Lucy, aos 63 anos, é uma romancista de sucesso, conhecida o suficiente para que mencionar seu nome a uma bibliotecária de uma pequena cidade resulte em um pedido para autografar uma pilha de livros na recepção, na saída. A biblioteca fica no Maine, para onde Lucy concordou em viajar com seu ex-marido, o titular William. Ambos estão em uma encruzilhada no final da vida. O amado segundo marido de Lucy morreu algumas semanas antes, e a terceira esposa de William o deixou. O que os traz ao Maine, no entanto, é a recente revelação, através de um serviço de pesquisa de ancestrais, de que William tem uma meia-irmã, uma criança que sua mãe abandonou quando trocou o primeiro marido pelo pai dele. Esta meia-irmã ainda vive na aldeia onde a mãe de William cresceu, um lugar que faz Lucy lembrar de Amgash no seu isolamento provinciano. Oh, William! tem menos a ver com a descoberta desta meia-irmã do que com a natureza do relacionamento de Lucy e William. Eles compartilham duas

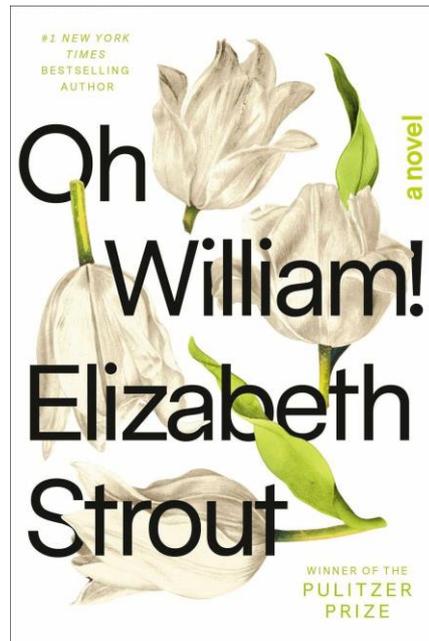
filhas adultas e o tipo de amizade profunda que ex-parceiros às vezes conseguem alcançar. No início do romance, William conta a Lucy que está passando por uma espécie de terror noturno, no qual detecta a presença desanimadora de sua falecida mãe, Catherine. Ele se consola, explica, lembrando que, se realmente precisar, pode ligar para Lucy, não importa a hora. Mais tarde no romance, Lucy menciona espontaneamente que, quando era uma esposa muito jovem e se sentia solitária na cidade, às vezes sucumbia ao impulso de ligar para a mãe – a cobrar, de um telefone público – em Amgash. Seus duros pais, obscuramente ofendidos pelo casamento de Lucy, não compareceram ao casamento.

Em contraste com seu romance vencedor do prêmio Pulitzer de 2008, *Olive Kitteridge*, e sua recente sequência, [Olive, Again](#), escritos em um estilo literário mais convencional, os romances de Strout narrados por Lucy têm a aparente ingenuidade de conversas ou anotações de diário. Lucy parece divagar de um assunto para outro; menciona um personagem, anuncia que não quer “falar” sobre ele e depois o traz à tona novamente; termina as declarações com “eu acho” ou “eu suponho”. As descrições são simples, reduzidas ao mínimo e parecem apartes espontâneos, como quando Lucy menciona que a terceira esposa de William, Estelle, tem “um tipo de cabelo ruivo acastanhado selvagem que sempre gostei”. Lucy usa muito pouca linguagem figurativa e, quando a aplica, como a maioria dos diaristas, é para descrever estados emocionais – “pingadas” de mágoa ou o “disco opaco de pavor em meu peito” durante seu casamento com William, quando ela sentiu que ele estava “indisponível”. O efeito é uma intimidade confiante, como se o leitor estivesse conversando com um velho amigo num clima particularmente confessional. Ao mesmo tempo, convida o leitor a especular sobre o que não está sendo contado e o que o orador nem percebe que está lhe contando. A estrutura errante esconde uma teia subjacente de motivos recorrentes: telefonemas, presentes não apreciados, viagens rodoviárias. Dessa forma, Strout chega furtivamente à profundidade. Oh, William! é parcialmente um romance sobre as camadas de sentimentos que se acumulam entre as pessoas ao longo de muitos anos; o panorama emocional que só se torna visível com a idade. “William sempre foi um mistério para mim”, observa Lucy, “e também para nossas meninas”. Durante o casamento, ele a traiu com várias mulheres; foi por isso que ela o deixou. Estelle o abandona porque, explica em nota, o considera “inacessível”. “Não tenho ideia se você é mais inacessível do que o resto de nós”, Lucy diz a William quando ele pergunta se isso é verdade, “porque foi a coisa mais gentil que eu sabia dizer”.

Este é também um romance sobre classes, um tabu americano, cuja negação contribui para tornar os personagens de Strout incognoscíveis uns para os outros. Lucy, que cresceu em uma casa sem televisão ou encanamento interno, surtou quando a mãe de William levou a família para um resort nas Ilhas Cayman. “Eu não tinha ideia – *nenhuma ideia* – o que fazer: como usar a chave do hotel, o que vestir para ir à piscina, como sentar à beira da piscina.” Mais tarde, quando descreve sentir-se cronicamente “invisível”, atribui a culpa em parte ao facto de a sua família possuir apenas um pequeno espelho, mantido fora do alcance das crianças, que não tinham ideia da sua aparência. O mundo para o qual Lucy escapou, embora maior, mais brilhante e mais quente, não pode fornecer a ela nenhum reflexo de seu eu mais antigo. Ou pode? A qualidade milagrosa da ficção de Strout é a forma como ela abre profundezas com o mais simples dos toques, e este romance termina com a certeza de que a fonte do amor reside menos na compreensão do que no reconhecimento – embora possa levar uma vida inteira para aprender a diferença.

Lucy Barton retorna - e reconecta-se com um antigo amor - em 'Oh William!'

19 de outubro de 2021, Por [Heller McAlpin](#) (NPR)



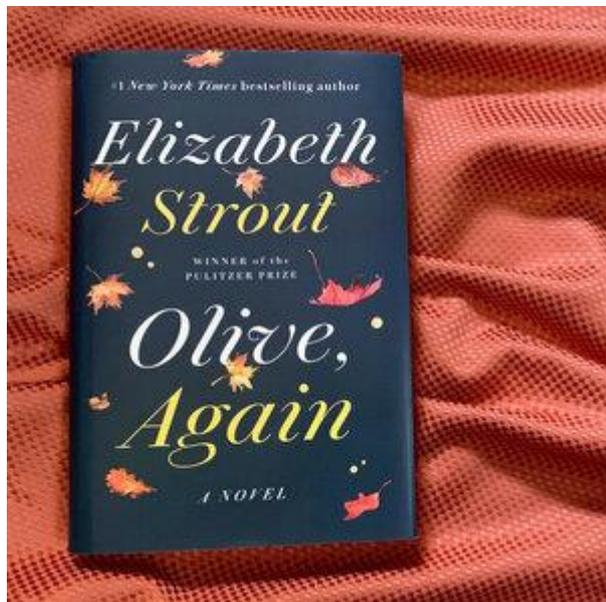
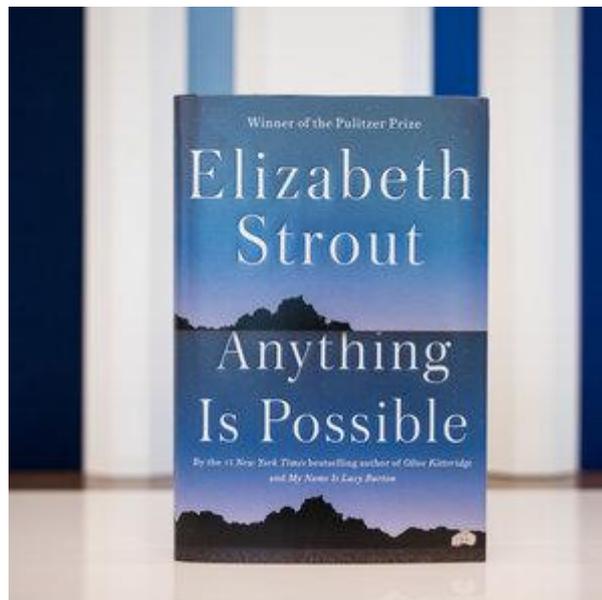
O último livro de Elizabeth Strout, seu oitavo livro, me colocou na primeira linha: "Gostaria de dizer algumas coisas sobre meu primeiro marido, William." A oradora franca e franca é Lucy Barton, que passamos a amar em *My Name is Lucy Barton* (2016) e *Anything is Possible* (2017), onde aprendemos como ela superou uma infância traumática e empobrecida em Amgash, Illinois, para se tornar uma escritora de sucesso que mora na cidade de Nova York.

Em *Oh William!* Lucy, agora com 64 anos, está de luto pela morte de seu amado segundo marido, um violoncelista chamado David Abramson. Ela encontra uma distração bem-vinda ao revisar seu relacionamento com seu primeiro marido, William Gerhardt, o pai mulherengo de suas duas filhas adultas. Ela havia abandonado William, um parasitologista que nunca deixou as mulheres de sua vida se aproximarem demais, após quase 20 anos de casamento. Mas, contra todas as probabilidades, eles permaneceram amigáveis. Sete anos mais velho que ela, ele também está passando por mudanças infelizes em sua vida (que deixarei para o leitor descobrir) e pede a Lucy que o ajude a navegar por elas.

Ela nos conta que em sua dor por David "eu também senti tristeza por William. A dor é uma - ah, uma coisa tão *solitária* ; esse é o terror disso, eu acho. É como deslizar pelo lado de fora de um edifício de vidro muito longo enquanto ninguém te vê."

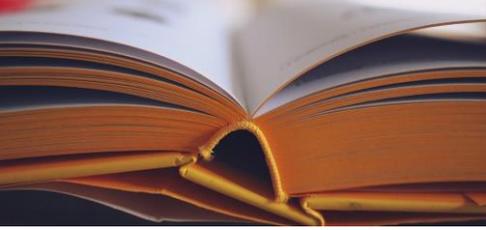
Neste período em que a solidão e as vulnerabilidades coincidem, Lucy concorda em acompanhar William em uma viagem ao Maine. Sua mãe, Catherine Cole, nasceu lá – embora nunca mais tenha retornado depois de deixar o primeiro marido. (Ela conheceu seu segundo marido, o pai de William, um das centenas de prisioneiros de guerra alemães do exército de Hitler enviados para

fazer trabalhos agrícolas no Maine depois da guerra, quando ele trabalhava na fazenda de batatas de seu primeiro marido.) Lucy diz que amava sua falecida sogra. -law, que reconheceu as limitações de sua educação e a colocou sob sua proteção - embora Catherine dissesse aos amigos: "Esta é Lucy, Lucy vem do nada." É uma das muitas memórias que ganha um novo elenco à luz do que William e Lucy aprendem sobre Catherine em sua viagem.



Em 'Olive, Again', Elizabeth Strout revisita um velho amigo

Como se *meu nome fosse Lucy Barton, oh William!* é um livro de memórias de romance e ficção, uma forma que mostra lindamente o coração tremendo e a voz límpida desse personagem. "Porque sou uma romancista", explica Lucy em *Oh William!*, "Tenho que escrever isso quase como um romance, mas é verdade - tão verdadeiro quanto posso." A determinação de Lucy em contar a sua história pessoal com honestidade e sem embelezamentos evoca Hemingway, mas também destaca o acesso especial da ficção às verdades emocionais.



Um livro de memórias, fictício ou não, é tão interessante quanto seu personagem central, e Lucy Barton poderia facilmente prender nossa atenção em muitos outros livros. O que Strout está tentando chegar aqui - como o passado nunca é verdadeiramente passado, os efeitos duradouros do trauma e a importância de tentar compreender outras pessoas apesar de seu mistério essencial e incognoscibilidade - não é tão direto nem tão simples como parece à primeira vista. *Oh, William!* explora o relacionamento de William e Lucy, passado e presente, com nuances e sutilezas impressionantes - incluindo sua atração inicial, seus erros, suas memórias e laços profundos e duradouros, e sua suscetibilidade, vulnerabilidade e dependência persistentes um do outro.

Você não precisa ter lido os livros anteriores de Strout sobre Lucy Barton para apreciar este - embora, provavelmente, você queira.

Você não precisa ter lido os livros anteriores de Strout sobre Lucy Barton para apreciar este - embora, provavelmente, você queira. (*Tudo é possível*, como seus romances de Olive Kitteridge, é composto de histórias interligadas.) Breves recapitulações da história de Lucy são habilmente entrelaçadas em *Oh William!*, que Lucy sempre precede dizendo que escreveu sobre o assunto com mais profundidade em outro lugar. Sobre a sombria casa de sua infância, ela comenta: "Escrevi sobre algumas das coisas que aconteceram naquela casa e não me importo em escrever mais sobre isso. Mas éramos terrivelmente pobres. Então direi apenas isto: Quando eu tinha dezessete anos, ganhei uma bolsa integral para aquela faculdade nos arredores de Chicago [onde ela conheceu William, seu instrutor de ciências]... [e] minha vida mudou.

Sobre esses *Oh*s : É incrível quanto significado e caráter podem ser reunidos em duas letras que resultam em uma exalação e uma exclamação. A viagem do casal há muito divorciado pelo Maine fornece um rico material para os suspiros titulares de Lucy, que transmitem uma mistura de exasperação e carinho pelas fraquezas de seu ex-marido - desde suas calças cáqui muito curtas até sua esperança equivocada de que, ao visitar um abandonado em uma pequena cidade, ele conseguirá angariar a boa vontade de uma mulher que já foi coroada como Miss Rainha da Flor de Batata.

Strout captura de forma convincente os sentimentos flutuantes que até mesmo as pessoas mais próximas de nós podem provocar, e o reconhecimento dos nem sempre amigáveis ex-namorados de que "toda essa porcaria" em seu passado é "parte da estrutura de quem somos". A certa altura, Lucy declara sobre William: "Às vezes, em nosso casamento, eu o odiava. Vi, com uma espécie de disco de pavor no peito, que, com sua distância agradável e suas expressões suaves, ele estava indisponível". No entanto, não muito tempo depois, ela afirma que durante muito tempo, mesmo depois de ambos terem mudado para outros cônjuges, ele foi a única pessoa que a fez sentir-se segura.

Estar a par dos pensamentos mais íntimos de Lucy Barton - e, mais especificamente, profundamente dentro de um livro de Strout - faz os leitores se sentirem seguros. Sabemos que estamos em boas mãos.